



**PRÁTICA PEDAGÓGICA COMO MODO DE REINVENÇÃO SOCIAL:
EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS EM ARTESANIAS COM IDOSOS**

**PEDAGOGICAL PRACTICE AS A MODE OF SOCIAL REINVENTION:
SENSITIVE EXPERIENCES IN HANDICRAFT WITH ELDERLY**

**LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA COMO MODO DE REINVENCIÓN SOCIAL:
EXPERIENCIAS SENSIBLES DE ARTESANÍA CON ANCIANOS**

Rita de Cássia Fraga da Costa¹; ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7276-7863>

Silvia Sell Duarte Pillotto²; ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

RESUMO

Este artigo busca refletir como as práticas pedagógicas sociais podem mobilizar a reinvenção de metodologias, tendo como referência experiências que pensam a vida em sociedade de modo crítico, sensível e colaborativo. As discussões partem de conjecturas adensadas nas análises de uma pesquisa de abordagem narrativa, produzida em um Centro de Referência de Assistência Social, com 11 idosos entre 60 e 72 anos. Os resultados indicaram que a metodologia desenvolvida em seis oficinas de Artesanias, potencializaram as relações, e foram contributos para a revitalização do diálogo e da emancipação dos sujeitos. Nesse processo, constatou-se a importância de metodologias reinventadas para substanciar a autonomia e autoria dos idosos e, ainda, sua condição como partícipe da sociedade.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas Sociais. Experiências Sensíveis. Oficinas de Artesanias. Terceira idade.

ABSTRACT

This article seeks to reflect how social pedagogical practices can mobilize the reinvention of methodologies, having as reference experiences that think life in society in a critical, sensitive and collaborative way. The discussions are based on conjectures deep in the analysis of a narrative research, produced in a Reference Center for Social Assistance, with 11 elderly people between 60 and 72 years old. The results indicated that the methodology developed in six handicrafts workshops, strengthened the relationships, and were contributions to the revitalization of the dialogue and the emancipation of the subjects. In this process, it was found the importance of reinvented methodologies to substantiate the autonomy and authorship of the elderly and, still, their condition as a participant in society.

Keywords: Social Pedagogical Practices. Sensitive Experiences. Handicraft workshops. Third Age.

¹ Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, ritadacosta08@gmail.com

² Universidade da Região de Joinville UNIVILLE, pillotto0@gmail.com

RESUMEN

Este artículo busca reflejar cómo las prácticas sociopedagógicas pueden movilizar la reinención de metodologías, teniendo como referencia experiencias que piensan la vida en sociedad de manera crítica, sensible y colaborativa. Las discusiones parten de conjeturas profundas en el análisis de una investigación narrativa, producida en un Centro de Referencia de Asistencia Social, con 11 personas mayores entre 60 y 72 años. Los resultados indicaron que la metodología desarrollada en seis talleres de artesanía, fortaleció las relaciones y fueron aportes para la revitalización del diálogo y la emancipación de los sujetos. En este proceso se constató la importancia de las metodologías reinventadas para sustentar la autonomía y autoría de las personas mayores y, aún así, su condición de partícipes de la sociedad.

Palabras clave: Prácticas sociopedagógicas. Experiencias sensibles. Talleres de artesanía. Tercera edad.

Data de submissão 18/09/2020

Data de aceite 22/12/2020

Introdução

Como as práticas pedagógicas sociais podem mobilizar a reinvenção de metodologias, tendo como referência experiências que pensam a vida em sociedade de modo crítico, sensível e colaborativo? Nesta escrita, essa é a questão que nos provoca a refletir tomando por base a experiência educativa sensível produzida colaborativamente em oficinas de Artesanias, num campo de pesquisa de projeto vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação de uma universidade comunitária. Pesquisa realizada com autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEPE), da universidade.

Nos referimos as seis oficinas de Artesanias que constituíram o tempo/espço das práticas pedagógicas sociais realizadas com 11 idosos entre 60 e 72 anos, frequentadores de um espaço de convivência integrado ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Essa experiência nos mobilizou a desenvolver conjeturas neste artigo, a partir dos pressupostos das práticas pedagógicas sociais, as quais nos provocaram a (re)inventar metodologias, que culminaram em ações produzidas na interação entre os

seus interlocutores. Foi (re)significado, então, o papel social dos idosos, com o fortalecimento de suas posturas críticas, sensíveis e colaborativas.

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), campo dessa pesquisa, é unidade descentralizada da política de assistência social, responsável pela organização e oferta de serviços de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), nas áreas de vulnerabilidade e risco social (BRASIL, 2009; 2016). Segundo o relatório de Orientações técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, publicado em 2009, operam no CRAS os serviços de Proteção de Atenção Integral à Família (PAIF) e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Com a meta de prevenir situações de risco e violência e fortalecer vínculos com a comunidade, o SCFV organiza seu atendimento à comunidade por faixas etárias, distribuindo-as em grupos, como: crianças, adolescentes e idosos (BRASIL, 2009; 2016).

Para o presente artigo, optamos por narrar nossa experiência de pesquisa com os idosos, construída nesse espaço público, destacando alguns itens, compreendidos por

nós como imprescindíveis para a ênfase na Pedagogia Social, tema que está despontando cada vez com mais força e vitalidade (CALIMAN, 2010).

O primeiro item – **Prática educativa social: conceituação e desdobramentos** – tem como proposição apresentar algumas noções sobre a Educação Social e, a partir disso, dar vistas ao desenvolvimento de processos de emancipação, de autonomia e de autoria dos idosos, destacando potencialidades de suas práticas pedagógicas.

Na sequência, o item **Educação Social na terceira idade** busca apresentar o idoso e a sua fase da vida, habitualmente nomeada ‘terceira idade’, como constructos sociais e traz notas sobre seus direitos, destacando os referentes à Educação. Para tanto, considera recomendações postas em documentos oficiais, como alguns produzidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e o Estatuto do Idoso, prioritariamente.

Já no terceiro item – **As oficinas em Artesanias: uma experiência social e sensível com idosos** – ressaltamos as Artesanias como propulsoras das histórias de vida e as reflexões sobre o fazer/sentir dos sujeitos, tendo as memórias como desencadeadoras de novos sentidos e significados.

Em **Breves considerações de uma experiência social e sensível com idosos** retoma-se ao objetivo deste artigo, que tem como propósito refletir como as práticas pedagógicas sociais podem mobilizar a reinvenção de metodologias, tendo como referência experiências que pensam a vida em sociedade de modo crítico, sensível e colaborativo.

Prática educativa social: conceituação e desdobramentos

A educação se faz com o outro nas relações sociais e é por ela que os códigos de conduta são transmitidos, vivenciados e reinventados diariamente, em um processo constante de formação do ser (FREIRE, 2015; 2016). Pela educação, são criados, socializados e “[...] registrados o saber de um grupo, de uma família, o conhecimento das regras do trabalho, as crenças, os segredos da religião e da arte, do artesanato e todas as outras tecnologias.” (AUTOR Y, 2019, p. 39-40), e podemos acrescentar as culturas (BRANDÃO, 2007).

De modo análogo, Brandão, Silva e Rebelo (2003, p. 47) afirmam que “ser membro da comunidade implica em estar inserido no processo de se educar, porque as tarefas e os desafios que a sociedade requer do indivíduo estão sempre mudando de conteúdo e de significado”. Nesse sentido, observando a composição de nossas relações socioculturais diante da volatilidade da vida, cenários de múltiplos e constantes desafios de adaptação e reinvenção, compreendemos que a educação acompanha toda a vida do ser humano, incluindo a terceira idade³ e seus sujeitos. Em viés mais específico, Gadotti (2012, p. 15) afiança:

Toda a educação é, ou deve ser, social, já que quando falamos de educação não podemos prescindir da sociedade, da comunidade e do contexto familiar, social e político onde vivemos. Ela pode ser tanto escolar como não escolar. Entretanto, o campo de atuação da educação social tem sido majoritariamente não escolar.

Dessa forma, buscamos tratar de práticas educativas sociais que consideram os processos formativos que ocorrem no âmbito não escolar, ou seja, na família, no trabalho e na sociedade, preocupando-se com as relações socioculturais, políticas,

heterogeneidade da velhice. Esse conceito será tratado com mais profundidade no item **Educação social na terceira idade**.

³ Terceira idade é expressão comum para indicar a fase da vida que abarca os idosos, seus sujeitos. É termo carregado de sentidos e significados, mas neste artigo seu uso não pretende indicar negação a

econômicas e ambientais. A Educação Social é “uma ciência sensível à dimensão da sociabilidade humana”, e possuidora de uma pedagogia que atua onde a pedagogia escolar não alcança (CALIMAN, 2010, p. 343). Visa sobretudo, atuar nas relações que já fazem parte da dimensão humana, objetivando ampliar as possibilidades de formação identitária e cultural do sujeito, na sua transformação social e orientar permanentemente seus processos de emancipação, de autonomia e autoria (CALIMAN, 2015).

Deste modo, ao elaborar nossas práticas pedagógicas consideramos, conforme orientam Caliman et al. (2012, p. 8), o “[...] desenvolvimento de habilidades e competências sociais”. Prerrogativa essa que, em nossa experiência, implicou na construção conjunta, ou ainda, na elaboração de uma prática educativa junto com os idosos. E também, na interlocução das pesquisadoras e o grupo de idosos, considerando, ponto a ponto, as manifestações postas na narrativa de suas experimentações e nas indicações de seus saberes e ritmos.

Estudos sobre a Pedagogia Social têm elaborado fundamentos teóricos e metodológicos para as pesquisas localizadas no campo do domínio sociocultural, que para Caliman et al. (2012) abrange áreas de conhecimento, as quais priorizam as manifestações do espírito humano

[...] expressas por meio dos sentidos, tais como as artes, a Cultura, a música, a dança e o Esporte em suas múltiplas manifestações e modalidades. Pelas características destas manifestações, são *loci* privilegiados para a intervenção sociocultural todos os espaços públicos e privados onde elas possam acontecer (CALIMAN et al., 2012, p. 8, grifo do autor)

Isso implica em dizer que as propostas da Educação Social consideram a pluralidade referente a riqueza dos cenários tecidos nas relações socioculturais, incluindo as manifestações no campo das sensibilidades. Assim, dentro desse nicho, averiguamos o desenvolvimento de

aprendizagens explorando os saberes adquiridos pelos sentidos.

Experiências ricas, pois, compiladas nas diversidades são laborações a partir dos sentidos de corpos dinâmicos, da percepção dos sujeitos disponíveis ao aprender. Aprendizagem que, conforme Meira (2014, p. 53), condensa “[...] toda a existência do experimentador [...] [aquela] colocada em ato”, ou seja, implica em assunção política, ética, crítica e criativa.

Assim, tomamos as oficinas em Artesanias como proposta para ir de encontro a essas experiências em Educação. Compreendendo que Artesania é termo que condensa em uma só palavra o movimento do fazer/refletir/sentir, a constituição do ser/estar artesão, e o seu produto resultante, o artesanato (AUTOR Y).

A cada oficina buscávamos o encadeamento das disponibilidades para que conjuntamente valorizássemos as diferenças, como modo de seguir - Artesaniando a vida - como um tempo-espaço-lugar de experiência educativa e sensível, em que as expressões de afetos, sentimentos, comportamentos e conhecimentos trataram da inter-relação com seus pares e seu contexto sociocultural.

Nas dinâmicas de nossos encontros, na execução das oficinas em Artesanias, desenvolvemos um ambiente de acolhimento e de aproximação, pois tínhamos como objetivo estabelecer um diálogo com os idosos. Com isso, sentar ao redor da grande mesa de materiais para a produção artesanal e envolver-se no Artesaniando a vida acabou por nos revelar as pessoas e o grupo.

Coletivamente formamo-nos em um contexto de relação, de criação, em que as pesquisadoras e os idosos produziram e se produziram nas ações investidas em voz, gestos e imagens. Subjetividades produzidas na expressam de si revelaram-se em narrativas postas nas costuras e nos bordados. Suas iniciativas e interações teciam aproximações, distanciamentos e silenciamentos, em (re)memorações que, ao

final, faziam ecoar os traços de suas identidades e subjetividades.

Apoiados no domínio sociopedagógico da Educação Social, a partir das nossas inquietações, mas, principalmente, por conta da manifestação desses maiores de 60 anos, encontramos modos de compreender o universo dos sujeitos dessa pesquisa, os idosos, e a oportunidade de produzirmos uma experiência sensível em Educação.

Com isso, nos deparamos com a possibilidade de junto aos idosos, (re)inventar metodologias no desenvolver de nossas práticas educativas, ao mesmo tempo em que, pôde-se refletir sobre as suas possíveis contribuições. Mas, para seguir nesse empreendimento, foi importante conhecer o cenário da Educação na terceira idade para pensar como poderia ser a Educação Social para/com os idosos na contemporaneidade.

Educação Social na terceira idade

Apesar de envelhecermos a vida inteira, a terceira idade é considerada o espaço/tempo da velhice, posição adquirida por aqueles adultos já formados e que vivem por mais tempo. No nosso país, o Estatuto do Idoso considera como idosos os sujeitos com sessenta anos completos, portanto, ultrapassada essa marca, adquirem direitos específicos e ingressam na categoria da terceira idade (BRASIL, 2003). Porém, quando analisamos o contexto sociocultural, há de se compreender que a forma como se vive essa etapa de vida é personalizada, constante e mutável, possuindo características específicas a cada sujeito.

Por fim, concordamos com Bosi (1994) quando diz que a velhice é uma lacuna temporal, na qual o sujeito desenvolve uma performance de esvaziamento da vida biológica, processo

que por muitas vezes é compartilhado com o sofrimento. Conforme a autora complementa:

Antes do afastamento definitivo há um declínio lento, intermitente, acompanhado de dolorosa lucidez. Muitas vezes o idoso repete: é assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços... Para que serve um velho, só para dar trabalho [...] (BOSI, 1994, p. 76).

Independentemente da posição social, conforme escreve Autor Y⁴ (2019, p. 60), “a terceira idade chega estabelecida como uma categoria de dependência. [...] [mas,] o problema está quando a cultura dessa mesma sociedade segrega os sujeitos [...]” idosos por julgá-los incapazes. “Infelizmente, é nesse entendimento que nossa história [ocidental] tem sido construída” (AUTOR Y, 2019, p. 60). É uma sociedade, que por vezes, manifesta-se em ações depreciativas que acabam por sufocar os sujeitos com mais tempo vivido subjugando-os pela velhice adquirida, ou, ainda pior, pela sua baixa produtividade e, por consequência, degradando seu papel social (BOSI, 1994).

Almeida (1998, p. 37) confirma essa premissa, ao escrever que a “[...] velhice, além de um complexo fenômeno biopsicossocial, é um fato sociocultural”. O autor completa assegurando que tal posicionamento “surge na passagem do século XVIII para o século XIX, quando a velhice passou a significar decadência. Até o século XVIII a velhice não era discriminada” (ALMEIDA, 1998, p. 38). E continua a reflexão: foi “[...] na esteira da Revolução Industrial e das suas consequências que a velhice começou a ser marginalizada” (ALMEIDA, 1998, p. 38). Porém, diferentemente de nossa sociedade, em outras, os idosos possuem “[...] importante função de garantir a reprodução simbólica, ou dos valores que respondem

⁴ Pensar os sujeitos da terceira idade, os idosos, a Educação sensível pelas Artesanias e o direito dos idosos a Educação é condução presente na dissertação XXXX (AUTOR Y, 2019), porém, nesta

oportunidade retomamos algumas de suas disposições, para ampliar essa reflexão relacionando-as às práticas educativas sociais.

pela identidade do grupo. Transformam-se em “depositários vivos”, unindo o passado ao presente e auxiliando na projeção do futuro” (ALMEIDA, 1998, p. 37).

Ao observar outras construções com referência à idade ou etapa da vida humana, encontramos nas pesquisas de Oliveira e Egrý (1997) a indicação da criança e a infância, como invenções da burguesia, e da adolescência, por sua vez, criação da Revolução Industrial. São definições que tomam como base a idade “[...] como substrato para a definição das características culturais e sociais dos seres humanos.” (OLIVEIRA; EGRY, 1997, p. 25).

Seguindo essa analogia, tomamos o idoso e a terceira idade também, como constructos sociais. Visto que são construções determinadas nas relações da sociedade, resultantes de ponderações que contaminam e são contaminadas pelos valores assegurados por seus pares, nas (re)formatações de suas culturas (OLIVEIRA; EGRY, 1997).

Em 1982, em um levantamento sobre o envelhecimento, a Organização das Nações Unidas (ONU), órgão internacional que trabalha pelo desenvolvimento mundial, diagnosticou que a humanidade caminhava para uma transformação demográfica irreversível. Em seus estudos, havia indícios de que em alguns países, os números da população de idosos poderia quadruplicar até 2050. Nesse viés, em 2002, por meio do documento Declaração Política e o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento de Madrid (ONU, 2002), a ONU estabeleceu a seus países filiados, um plano de ação para administrar os quadros de envelhecimento social, orientando as mudanças de gestão e construção de políticas públicas.

No Brasil surgem a Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994 (BRASIL, 1994), que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, criando o Conselho Nacional do Idoso e outras providências, e o Estatuto do Idoso, instituído pela Lei n. 10.741, de 1.º de outubro de 2003 (BRASIL, 2003),

documentos que declaram o sujeito com mais de 60 anos completos como idoso e anunciam uma nova parcela de direitos garantidos que lhe asseguram especificidades para esta fase da vida.

Entre essas providências, no estabelecimento das condições preliminares e a constituição de direitos fundamentais, conforme posto no Estatuto do Idoso em seu artigo 46, nossa legislação situa que: “a política de atendimento ao idoso far-se-á por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios” (BRASIL, 2003).

Em busca de compreender os direitos dos idosos à Educação, ainda no Estatuto do Idoso, encontramos nos seus artigos 20 a 25 e parágrafo único, instruções para, respeitadas as condições de idade, que seja promovido o ingresso na Educação, cultura, esporte e lazer. Dentre esses, destacamos o artigo 21: “o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, 2003).

Também, no seu artigo 22 é sinalizada “[...] uma inserção de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, numa adequação de currículos na educação para garantir a valorização e o respeito ao idoso” (AUTOR Y, 2019, p. 64). Nos artigos 24 e 25 (BRASIL, 2003), são reiterados os “[...] compromissos dos meios de comunicação e das instituições de educação superior a manterem espaços de informação e formação para esclarecer os processos de envelhecimento” (AUTOR Y, 2019, p. 64).

De acordo com Autor Y (2019, p. 65), o Estatuto do Idoso ressalva e “registra a necessidade de ação para preservação da memória e das identidades culturais”, como descrito no parágrafo 2.º do artigo 21, capítulo V: “os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da

preservação da memória e da identidade culturais” (BRASIL, 2003).

Portanto, supõe-se que temos uma estruturação de uma rede inter governos para assistência e atendimento dos direitos dos idosos, inclusive as garantias de acesso à Educação e cultura. Com a legislação, há uma generalização de convênios entre espaços públicos e privados, esferas habilitadas para atender tais questões (AUTOR Y, 2019).

Contudo, ainda, é possível afirmar que a legislação (re)significa o idoso, valorizando sua importância para a preservação do patrimônio cultural, constituindo-o como agente social que alimenta memórias para as futuras gerações (AUTOR Y, 2019). No entanto, essa garantia oferecida pela legislação ainda não é suficiente para modificar uma cultura que entende o idoso como um ser dependente; situando-o à margem da sociedade (BOSI, 1994).

Compreendemos que sobretudo, o idoso é um sujeito social, possuidor de identidades, agente de culturas, que pode contribuir tanto para a preservação da história como também para a sua (trans)formação. É importante respeitar suas singularidades, considerar os avanços nas políticas públicas para os idosos, e entender que, para as mudanças no reconhecimento desses sujeitos é fundamental investir em formação, e em criação de espaços para que a legislação de fato se efetive em sua plenitude.

As oficinas em Artesanias: uma experiência social e sensível com idosos

Nossa produção com os idosos se deu para além de um projeto artesanal. Em nossas práticas pedagógicas, mobilizadas pelas artesanias, materializamos as representações sociais como manifestações

das memórias e das identidades, sobretudo, as do sujeito idoso em relação às do grupo da terceira idade que ele compõe (CANDAU, 2016).

Nas oficinas, as artesanias foram referência e base fundamentais para nossas ações. Para tanto, perfilamos o pensamento, a linguagem⁵, a percepção, a memória e a nossa capacidade interpretativa. Nesse lugar, permanecemos atentas às narrativas de nossos interlocutores, às relações estabelecidas entre eles, tendo as experiências em artesanias como propulsoras de afetos e tensões, elementos que nos guiaram na pesquisa.

Nesta proposta, em uma das salas do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, centramos uma mesa de produção com cadeiras suficientes para reunir todos os idosos, no mesmo espaço, também, acomodamos uma mesa para o café da manhã e outra bancada para a exposição de livros sobre o artesanato de nosso Estado e de alguns produtos representantes das artesanias de referência cultural de nossa região, criações com todo tipo de técnica artesanal e materialidade. Espaço pensado no intuito de deixar circular as narrativas em todas as suas possibilidades expressivas, ambiente estruturado para realizarmos a experiência educativa em seis oficinas em Artesanias.

A primeira oficina em Artesanias foi momento para todas as apresentações: idosos, pesquisadoras, livros de artesanato e pequena coleção de artesanias, proposta de pesquisa e a coleta das assinaturas na documentação, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a autorização para uso de imagem e som, de acordo com orientação do Comitê de Ética.

Nesse gesto inaugural, executamos uma dinâmica que consistiu em oportunizar aos idosos suas narrativas sobre os produtos

⁵ Nesta pesquisa empregamos ‘linguagem’, de acordo com Maturana (2014, p. 200), como “coordenadas consensuais de conduta” ou, ainda, como o autor completa: “Daí que a linguagem, como processo, não tem lugar no corpo (no sistema

nervoso) de seus participantes, mas no espaço de coordenações consensuais de conduta que se constitui no fluir nos seus encontros corporais recorrentes”.

do acervo de artesanias exposto na ampla sala. Assim, abrimos espaço para escutar os idosos, enquanto, simultaneamente, estabelecíamos entendimentos sobre as significações das criações na apreciação do artesanato. Por vezes, até mesmo arriscávamos outras considerações a respeito da arte, quando imaginávamos possíveis reflexões do artesão manifestas no produto. (AUTOR Y, 2019).

Os idosos iam medrando memórias e narrativas, revelando-se, inventando-se ao mesmo tempo em que (re)atualizavam suas memórias. Bem como fez, o senhor José quando ao ver uma embarcação “[...] logo dispara contando da sua relação com o mar: ‘o melhor lugar do mundo!’ [Momento em que] (res)urge o pescador.” (AUTOR Y, 2019, p. 68). Assim, nas tramas das narrativas, puxando fios de memórias, tecendo relações no grupo, perpassadas pelas artesanias, experienciando com as imagens observadas e produzidas, íamos (re)construindo identidades e formação cultural.

Na segunda oficina em Artesanias começamos a elaboração de pequenos quadros têxteis, em panôs individuais. Seguíamos de modo que, na disponibilidade de criar uma expressão de si ao tecer uma imagem, cada idoso buscava referências em suas memórias, entrelaçando fios e sentidos sobre esse quadro de tecido de algodão, de cerca de 35 cm por 40 cm. Foi nesse artesaniar que nos disponibilizamos, pesquisadoras e idosos, a (re)descobrir habilidades, por vezes, já esquecidas e ou (re)inventadas, na proposta de confeccionar a imagem de algo que pretendíamos alcançar e comunicar. (AUTOR Y, 2019).

Nesta ocasião, brotaram no grupo histórias de costuras e de costumes do passado. Em busca de esclarecer do que tratávamos, Dona Ana comentou: ‘panô era usado atrás do fogão de lenha, ou na sala da casa, ... minha mãe colocava para enfeitar!’ E seu Pedro completou: ‘minha mãe tinha para colocar tampas de panela, na cozinha. Se tem muito na área rural, tem bastante por

lá!’ Logo, entre os idosos se estabeleceu que este seria um ‘Panô de Memórias’. Isto é um ‘Panô de Memórias’! Repetiam nomeando a proposta apresentada.

Nesse formato, seguiram a terceira e a quarta oficinas em Artesanias, tempo em que os idosos finalizaram seus panôs individualmente e, na conclusão destes, seguiam na organização da última etapa de nossas práticas, em que a proposição consistia em criar coletivamente um Panô de Memórias do grupo, unindo criativamente todos os panôs individuais, sobre um quadro de feltro de cerca de 1,50 m de largura por 1,80 metros de altura. (AUTOR Y, 2019).

As práticas nas oficinas em Artesanias despertaram sentidos e sentires e neste ínterim, cativamos um grupo de adolescentes que também eram atendidos no mesmo CRAS. Sempre se esgueiravam pelos corredores querendo saber a quantas andavam nossas artesanias. Assim, resolvemos realizar um encontro intergeracional, na ocasião da quinta oficina.

Com este propósito realizamos a quinta oficina em Artesanias, de modo que, enquanto o Panô de Memórias do grupo de idosos ganhava seus últimos ajustes, recebemos a visita de dez adolescentes, munidos de pranchetas com perguntas curiosas para o início das entrevistas. Os adolescentes queriam saber da vida dos idosos, da produção posta no panô, das relações dos idosos com o bairro, mapeando o que havia de comum a todos. Naquela experiência, as narrativas produzidas nos indicavam a potência das relações estabelecidas no encontro de gerações, ocasião em que se revelaram identidades e outras significações postas nas artesanias elaboradas. (AUTOR Y, 2019).

Para a sexta e última oficina em Artesanias nos reunimos, novamente, junto aos adolescentes e os idosos. Ficamos lado a lado a apreciar fotos e recortes de filmes produzidos na duração de nossas experiências, nossos registros de um campo de pesquisa narrativa. Assim, nos

(re)encontramos, celebramos e ampliamos nossas vistas ao conferir os textos produzidos pelos adolescentes, baseados nas suas entrevistas com os idosos, bem como, ao admirarmos-nos com a exposição das artesanias dos idosos, o Panô de Memórias. (AUTOR Y, 2019).

O artesaniar é uma ação humana, que vai além da manualidade intrínseca ao gesto e à memória de um fazer, interposta ao corpo na elaboração de um artesanato (AUTOR Y, 2019). Lida tanto com as habilidades como com as culturas e outras memórias coletivas em que o artesão está inserido (SANTOS et al., 2016). Com isso, as artesanias são as composições das ações postas no ato de refletir, no trânsito da elaboração de um produto artesanal e seus resultados.

Portanto, esse fazer “artesanal é parte da cultura e dos saberes [...]” (SANTOS et al., 2016, p. 15). Assim, todo artesanato, produto da arte, e todo artesaniar, ação/reflexão dessa elaboração criativa - comunica, permitindo-nos conhecer, além da história do produto, também a do seu autor.

Artesanar, nessa perspectiva, é ação que possibilita revisitar conhecimentos e saberes em uma tarefa memorial que atualiza o passado buscando levar suas riquezas para o futuro. E graças à intrínseca necessidade de entrega ao fazer/sentir, ao se aventurar (re)significando memórias e sentidos, trata-se de uma experiência sensível (DUARTE JR., 2010).

As Práticas Educativas Sociais desenvolvidas nas oficinas potencializaram as artesanias, no fluxo pulsante nas relações que aconteciam entre os sujeitos e suas narrativas imbricadas. As oficinas - Artesaniando a vida - foram elaboradas do saber/aprender/saber (MATURANA, 2014) ponteadas entre tecidos, fios e agulhas. Modos que mantiveram, junto das reflexões produzidas pelos seus sujeitos, a

mobilização para a (re)invenção de metodologias.

O esforço coletivo na experiência de tecer um panô⁶ de imagens representativas de alguma das passagens significativas das vidas dos idosos, manteve a arte, como modo de expressão e experiência de compartilhamento de memórias, sentimentos, afetos. Possibilita então, o encontro de vidas em meio ao fazer/sentir e na tessitura de saberes (DUARTE JR., 2010).

Durante a pesquisa, captávamos pistas enquanto nossos interlocutores nos narravam as suas histórias e outras que ouviram ou viram em seus percursos vividos. Vidas imbricadas e entrecruzadas, que ganharam potência naquele lugar, que se constituía e se reinventava enquanto as memórias ganhavam voz (AUTOR Y, 2019). Desenhou-se um tempo-lugar de compartilhamento, habitado e transitado por memórias, ausências e presenças de histórias vividas e inventadas.

Esse é o contexto no qual criamos nossas Práticas Educativas Sociais. Fomos nos colocando, pesquisadoras e interlocutores, à disposição para a/n experiência sensível, nessa arte que agrega produto e reflexão ao fazer/sentir na mesma ação. Portanto, nessa experiência sensível, nesse “modo de saber-perceber o mundo”, a prioridade foi tecer as narrativas (AUTOR Y, 2019, p. 44). Assim, conectávamos os sentidos em outras tramas para além dos significados atribuídos às imagens criadas entre costuras, bordados, fios e outros objetos que condensavam registros de significados.

É como diz Autor Y (2019, p. 59), “[...] numa abordagem narrativa todos os sentidos estão à flor da pele, transformamos em contadores de histórias”, pois de acordo com Clandinin e Connelly (2015), as narrativas são porta para acessarmos a experiência, em especial a de uma proposta educativa.

usado em paredes, para guarnição, complemento de cortina, etc”.

⁶De acordo com o Dicionário Aulete (2019), panô é “painel decorativo de tecido liso, estampado com aplicações ou pintado, etc., com ou sem moldura,

Ainda, Clandinin e Connelly (2015, p. 48) explicam: “[...] a vida – como ela é para nós e para os outros – é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço, e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e discontinuidades”. É importante esclarecer que a pesquisa narrativa se alia de modo muito apropriado a esta investigação, pois possibilitou

[...] identificar, documentar, tornar visíveis e publicamente disponíveis a *diversidade de significados humanos* para dar conta do vivido, do experimentado e do representado, e a multiplicidade de projetos de vida decorrentes deles como traços de horizontes de futuro (SUÁREZ, 2017, p. 11, grifo nosso).

Com isso, permanecemos envolvidas na relação que se construía no desencadear das nossas ações, assim como atuam os educadores sociais, ou seja, agentes de uma “pedagogia da presença não representa[m] uma vigilância, mas um caminhar com o educando de modo que ele invista com um voto de confiança na proposta educativa” (CALIMAN, 2015, p. 196).

Vislumbramos nessas práticas “[...] outro mundo possível”, inserido no rico campo da Educação Social (GADOTTI, 2012, p. 11). Por isso, mergulhamos em busca de compreender, de acompanhar e de orientar os idosos, mobilizando processos educativos pelo diálogo, confiantes em proporcionar-lhes outros modos de sentir/pensar.

O desejo em aprender com/para os idosos nos provocou a entregarmo-nos à experiência, de modo que os sentidos foram se alargando, pois como afirma Duarte Jr. (2010, p. 175): “sentir o mundo consiste, primordialmente, em sentir aquela sua porção que tenho ao meu redor, para que então qualquer pensamento e raciocínio abstrato acerca dele possam acontecer a partir de bases concretas e, antes de tudo, sensíveis”.

Nessa perspectiva, no fomento ao fazer/sentir, a nossa pesquisa foi mediada também pela linguagem, num exercício que

intercala o sujeito ao social (SUÁREZ, 2017). Isso gerou um “movimento em Educação, trazendo a experiência sensível como potencializadora do humano” (AUTOR Y, 2019, p. 95). Ação baseada em Freire (2015, p. 51), quando enuncia:

[...] quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador e apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos.

As Práticas Sociais desenvolvidas em nossa pesquisa reiteraram as Artesanias como propulsoras de experiências sensíveis na educação de idosos, especialmente pelo ato do fazer/sentir, fomentando a autonomia e a autoria, condições para a emancipação dos idosos, (re)significando as relações sociais entre o grupo.

Breves considerações de uma experiência social e sensível com idosos

No revisitamento do objetivo desse artigo, na busca de refletir como as práticas pedagógicas sociais podem mobilizar a reinvenção de metodologias, tendo como referência experiências que pensam a vida em sociedade de modo crítico, sensível e colaborativo, as pistas indicaram que os processos de artesanizar potencializaram a relação dos sujeitos consigo próprios e com o outro.

Assim, no desafio de internalizar as experiências sensíveis em nossas Práticas Educativas Sociais, buscamos pelas artesanias diferentes e variadas interações, tendo a construção dos sentidos nosso maior aliado.

Por meio das artesanias, todos nós, pesquisadoras e interlocutores, nos colocamos disponíveis, mantendo durante as oficinas vários movimentos, em espacial o de reinventar metodologias que propiciavam o diálogo e uma escuta sensível às histórias dos idosos.

Tal movimento pôde contribuir com a ampliação das aprendizagens dos idosos,

visto que possibilitou um procedimento contínuo de compreensão do imaginário na construção de processos de significação de suas experiências. As Práticas Educativas Sociais materializadas durante as oficinas tiveram nas Artesanias a produção de outros saberes, (re)significados em memórias e sentidos. Em nossa experiência com os sujeitos idosos, ficou evidente que aprendemos a confiança e a amorosidade na ação/relação, no fazer/sentir e nos vínculos afetivos.

Nessa proposta pedagógica, observamos nas narrativas, indícios de que ao revisitar suas memórias, às vezes entrelaçadas com outras do grupo, seja num pontilhar da costura, no cantarolar de uma canção, às vezes perdidas lá da infância, os idosos (re)significavam o passado, trazendo outras imagens criadas para o presente.

Para nós, pesquisadoras, consideramos que foram os sujeitos envolvidos que nos trouxeram conteúdos para mergulhar na terceira idade e possibilitar, no percurso da pesquisa, compreender como as Práticas Pedagógicas Sociais com as artesanias podem ativar as experiências sensíveis dos sujeitos e resultar num modo de reinventá-los social e culturalmente.

Foi na interação e no artesaniar conjuntamente essa proposta educativa, pautada na sensibilidade, que percebemos as potencialidades desse fazer/refletir como possibilidade de reinvenção metodológica. Num contínuo movimento articulado entre seus sujeitos, as experiências ganharam ritmo; compasso particular do aprender com o Outro. Entre propostas e (re)afirmações, as ações costuradas em narrativas asseguraram a materialidade de suas percepções e (trans)formações.

As análises também sinalizaram que, Práticas Educativas Sociais atravessadas pelas experiências sensíveis em artesanias, potencializam memórias e identidades contribuem para que os sujeitos criem novos sentidos para o seu presente. Ou seja, presente/passado/presente, se

constituem em movimentos contínuos de vida.

Referências

ALMEIDA, Vera Lúcia. Valsecchi. Imagens da velhice: o olhar antropológico. **Revista A Terceira Idade**, São Paulo, ano X, n. 15, p. 35-39, dez. 1998. Disponível em:

<https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8141-IMAGENS+DA+VELHICE+O+OLHAR+ANTROPOLOGICO>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49. reimpr. da 1. ed. de 1981. (Coleção primeiros passos; 20). São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Juliana da Silva; SILVA, Marlene Dierschnabel da; REBELO, Rosana Andrade. **A vida na maturidade: uma contribuição à educação permanente**. Blumenau: Nova Letra, 2003.

BRASIL. [Política nacional do idoso (1994)]. **Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. A política nacional do idoso. Brasília, DF, jan. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm. Acesso em: 3 jan. 2020.

BRASIL. [Estatuto do Idoso (2003)]. **Lei n. 10.741, de 1.º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.html. Acesso em: 3 jan. 2020.

BRASIL. [Orientações técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS (2009)]. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas: Centro de Referência de**

Assistência Social – CRAS. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/aa_diversos/MDS-Ori.Tec.CRAS.pdf. Acesso em 10 fev. 2020.

BRASIL. [Perguntas frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV (2016)]. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Perguntas frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV**. 2016. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/perguntas_e_respostas/PerguntasFrequentesSCFV_03022016.pdf. Acesso em: 3 jan. 2020.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social, relações humanas e educação. In: MAFRA, J. F.; BATISTA, J. C. F.; BAPTISTA, A. M. H. **Educação básica: concepções e práticas**. São Paulo: BT Acadêmica, 2015. p. 187-203.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, ano XII, n. 23, p. 341-368, 2010.

CALIMAN, Geraldo; SILVA, Roberto da; GRACIANI, Stela; PAIVA, Jacyara Silva de. Editorial. **Revista Diálogos**, Brasília, 2012, v. 18, n. 2, p. 7- 9. dez. 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3933/2406>. Acesso em: 5 mar. 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DICIONÁRIO AULETE (*online*). Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pan%C3%B4>. Acesso em: 29 jan. 2020.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 5. ed. Curitiba: Criar Edições, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**, Brasília, v. 18, n. 2; p. 10-32, dez. 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3933/2406>. Acesso em: 5 jan. 2020.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Organizado por Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

MEIRA, Marly. O sentido de aprender pelos sentidos. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; BOHN, Letícia Ribas Diefenthaler (orgs.). **Arte/Educação: ensinar e aprender no ensino básico**. Joinville: Editora da Univille, 2014. p. 51-62.

OLIVEIRA, M.A.C.; EGRY, E.Y. A adolescência como um constructo social. **Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 2; p. 20-27, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/38391/41236>. Acesso em 15 jan. 2021.

ONU. **Declaração política e o plano de ação internacional sobre o envelhecimento de Madrid**. 2002.

Disponível em:
http://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Madrid_plan.pdf. Acesso em: 5 jan. 2020.

SANTOS, Denilson *et al.* (org.).
Artesanato no Maranhão: práticas & sentidos. São Luís: EDUFMA, 2016.

SUÁREZ, Daniel H. Prefácio. In:
MARTINS, Raimundo; TOURINHO,
Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. de
(orgs.). **Pesquisa narrativa: interfaces
entre histórias de vida, arte e educação.**
Santa Maria: Editora da UFSM, 2017. p. 9-
12.